

RECRUTAMENTO E SELEÇÃO DE TRAINEES: A SUBJETIVIDADE ADMINISTRADA

Cecília Ribeiro da Silva (Mestranda em Psicologia pela Universidade Federal de São João del-Rei/ cecirsilva@gmail.com)

Prof. Dr. Kety Valéria Simões Franciscatti (Professora do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de São João del-Rei/ kety.franciscatti@gmail.com)

Resumo:

Com base nas contribuições da Teoria Crítica da Sociedade, compreende-se a sociedade como sistema que se estrutura principalmente a partir da organização social do trabalho, ou seja, as relações estabelecidas entre as forças produtivas e as relações de produção para a construção das condições materiais que tem como finalidade assegurar a sobrevivência e assim proporcionar a os anseios humanos de liberdade e a felicidade. É de suma importância para a compreensão da formação do indivíduo, analisar como tem se estabelecido a organização social do trabalho, enquanto produtor das condições materiais de existência que são a base de todas as relações. Haja vista que no capitalismo a finalidade é a progressão ilimitada do valor e não a realização da vida humana, consolida-se a inversão que engendra pseudoformação do indivíduo. Esta se caracteriza pela obstrução da realização diferenciação, autonomia e liberdade, em prol da estimulação de determinadas características psíquicas que visam a formação para a reprodução do sistema social. Portanto, os perfis procurados pelas grandes empresas revelam os elementos psíquicos eliciados para a manutenção da sociedade. Desse modo, foram analisados os perfis requeridos nos processos de recrutamento de trainees nos sites de grandes empresas e encontrou-se como principais características: ser líder jovem.

1- INTRODUÇÃO

Os esforços dos autores da denominada Teoria Crítica da Sociedade, especialmente os autores Theodor Adorno e Max Horkheimer, trazem como questionamento fundamental “(...) descobrir por que a humanidade, em vez de entrar em um estado verdadeiramente humano, está se afundando em uma nova espécie de barbárie” (Horkheimer & Adorno, 1947/2006, p. 11). A guisa da referida questão suscitada pelos autores, é necessário desenvolver uma análise interpretativa concreta e histórica do que é aparentemente desprovido de intenções, a partir da combinação de elementos analiticamente separados no intuito de iluminar o real, nessa direção, com base na compreensão do processo histórico social de desenvolvimento da humanidade tornar-se-á possível a elucidação de elementos que auxiliam a compreensão da configuração social vigente/organização social do trabalho, a formação cultural dos indivíduos/subjetividade administrada e a manutenção da barbárie.

2- Trabalho e formação do indivíduo

De acordo com Adorno (1923) é no reconhecimento do decurso sócio-histórico que reside a possibilidade da emergência do novo, assim, o próprio conceito de natureza é uma construção sócio histórica que remete a diferenciação entre homem e natureza. Inicialmente a ideia de história natural foi concebida como invariável/imutável pelas ciências naturais. Nesse sentido, Adorno (1932) postula que sendo o próprio conceito de natureza histórico, não é possível dizermos de algo imutável, tendo em vista que o principal elemento da história é a transformação. Em função disso, para o referido autor, a primeira natureza é a própria história. Entretanto, Luckács (citado por Adorno, 1923) aponta a transformação da história em segunda natureza, pois a história paralisada, ausente de transformação, é reduzida a reprodução do mesmo, logo imutável. O congelamento/paralisa da possibilidade da transformação, do surgimento do novo, regride o devir histórico em segunda natureza, nas palavras do autor: "a história paralisada é natureza, ou o vivente paralisado da natureza é um mero ter-sido histórico" (Adorno, 1932, p.5).

O homem é considerado um ser qualitativamente diferente dos animais, o processo de ruptura de natureza à história social - esta como natureza dos homens - se consolidou ao longo de milhares de anos e tem como ponto genérico o surgimento da atividade consciente que adquire sentido apenas com o resultado posterior, superando uma ação regida pelo imediatismo do instinto biológico (Luria, 1991). Leontiev (1978) apresenta o processo de passagem dos animais aos homens em três momentos: 1) o primeiro estágio se refere à *preparação biológica do homem*, tem como representantes os Australopitecos, possuíam a posição vertical, utensílios e comunicação rudimentares, nesse momento as leis biológicas ainda regiam apesar do indício dos elementos que marcam o surgimento do homem. 2) o segundo estágio é denominado como *passagem ao homem*, representado pelos Pitcantropo ao Neanderthal, marcado pelo início da fabricação de instrumentos e formas embrionárias de trabalho e sociedade, que propiciavam alterações anatômicas como no cérebro, mãos e órgãos dos sentidos, assim, o desenvolvimento biológico tornou-se dependente do desenvolvimento da produção, a história nascente da sociedade humana passou a inscrever-se na estrutura biológica do homem. 3) o terceiro estágio refere-se ao aparecimento do *Homo Sapiens*, momento em que o homem se liberta totalmente da dependência das mudanças biológicas, uma vez que apenas as leis sócio-históricas passam a reger a evolução do homem, desse modo, o homem possui todas as propriedades biológicas necessárias ao seu pleno desenvolvimento sócio-histórico.

O processo de hominização está diretamente relacionado ao desenvolvimento da atividade consciente que tem como objetivo a produção das condições materiais de existência a todos, e assim sendo, proporcionar segurança diante das ameaças de sobrevivência/natureza:

Pela sua atividade, os homens não fazem senão adaptar-se à natureza. Eles modificam-na em função do desenvolvimento das suas necessidades. Criam os objetos que devem satisfazer as suas necessidades e igualmente os meios de produção desses objetos, dos instrumentos às máquinas mais complexas. Constroem habitações, produzem as suas roupas e outros bens materiais. Os progressos realizados na produção de bens materiais são acompanhados pelo desenvolvimento da cultura dos homens; o seu conhecimento do mundo circundante e deles mesmos enriquece-se, desenvolvem-se a ciência e a arte. Ao mesmo tempo, no decurso da atividade dos homens, as suas aptidões, os seus conhecimentos e o seu saber-fazer cristalizam-se de certa maneira nos seus produtos (materiais, intelectuais, ideais). (Leontiev, 1978, p.265).

A relação homem /natureza, um primeiro momento é caracterizada pela união onde tudo é natureza, como propõe as ciências naturais em sua perspectiva de conhecimento da realidade; em um segundo momento o homem torna-se capaz de reconhecer a natureza como diferente de si, é a partir desta "cisão" que se inaugura história como natureza do homem, haja vista que somente quando o a espécie *homo* supera os determinantes biológicos e os elementos sócio-históricos tornam determinantes, podemos dizer do surgimento do *homo sapiens*, homem atual.

A necessidade do homem em adaptar-se a natureza para sobreviver, tem como repercussão transformá-la em objetos que atendam as necessidades humanas e conhecer suas leis para que seja possível explorá-la o máximo possível sem que ela se torne inabitável. Os objetos criados para satisfazer as necessidades dos homens, têm cristalizados os conhecimentos, atividades, relações desenvolvidas no processo de produção destes. Hegel (citado por Konder, 1981) afirma que o trabalho é a mola que impulsiona o desenvolvimento humano, concebe trabalho enquanto atividade criadora do sujeito humano. Além disso, postula que o trabalho possibilitou ao ser humano contrapor-se como sujeito ao mundo dos objetos naturais, ao concretizar a possibilidade de ir além da pura natureza transformando-a através do trabalho. Para Marx, a produção das condições materiais modifica não só a organização prática de vida, mas também dos próprios órgãos dos sentidos, por exemplo, o olho humano passou a ver coisas que não enxergava antes.

A principal questão que se coloca é como o trabalho passa de condição para a realização da vida humana para seu algoz, principal fonte de aprisionamento, adoecimento, alienação?

Konder (1981) apresenta duas principais causas, a primeira causa dessa deformação monstruosa se encontra na apropriação privada dos meios de produção. A partir da

apropriação provada de bens comuns, alguns homens passaram a dispor de meios para explorar a força de trabalho dos outros, as condições criadas pela propriedade privada introduziram um “estranhamento” entre o trabalhador e o trabalho, tendo em vista que o produto e as condições do trabalho pertencem à outra pessoa que não o realiza. Por isso, o trabalho se desfigura do lugar de atividade criativa de produção em trabalho estranhado/alienado, o trabalhador se sente ameaçado pelos produtos do seu próprio trabalho, e a promessa de segurança e liberdade advindas produção das condições materiais, torna-se deturpada sob a forma de novas opressões.

A segunda causa diz respeito a ocupação de todos os espaços pelo capital, diferentes lógicas acabam se submetendo aos imperativos do capital, como a escola, família, religião, todos os valores humanos autênticos vão sendo corrompidos. Como consequência temos uma sociedade homogeneizada com pouco ou nenhum espaço para a diferenciação, além disso, sob a égide do capital tudo vira mercadoria, o trabalho do ser humano também se transforma em mercadoria e passa a sofrer as pressões e flutuações do mercado. Como conceituou Marx (1968) a reificação/coisificação da vida humana em mercadoria só é possível em uma sociedade em que o processo de produção domina o homem e não o contrário. Como outra face desta moeda, tem-se a fetichização da mercadoria, atribuição de valor fantasmagórico à mercadoria que lhe confere status de vida.

3- Transformações produtivas

Com base no postulados da Teoria crítica da Sociedade, compreende-se sociedade como sistema que se organiza a partir da divisão social do trabalho, caracterizado fundamentalmente pelo desenvolvimento tecnológico das forças produtivas que tem como finalidade a produção das condições materiais de existência e as relações estabelecidas pelos homens para esta produção. Por isso, as relações sociais estão intimamente ligadas às forças produtivas, de modo que alterações no modo de produção, mudam todas as relações sociais. "O moinho de mão dar-vos-á a sociedade com o suserano, o moinho a vapor, a sociedade com o capitalista industrial (Bravermann, 1974, p.26)". Assim sendo, para compreensão da formação do indivíduo é imprescindível conhecer como se estabelecem as forças e relações de produção, tendo em vista que as condições objetivas proporcionam as condições subjetivas.

Conforme abarcado anteriormente, podemos nos referir a um primeiro momento em que o trabalho se consolidava como uma atividade consciente em que o homem transforma a natureza assim como esta o transforma, o que lhe conferia a função de formação do indivíduo.

O desenvolvimento do aparo biológico, da linguagem, instrumentos de trabalho como extensão do corpo humano na transformação da natureza para produção de objetos que apresentam como principal função o real de valor de uso. O homem compreende todo processo produtivo e é proprietário dos meios de produção.

Como descreve Alves (2007, p. 45):

O meio de trabalho ainda é meio de trabalho propriamente dito, mediação entre o homem e a natureza, instrumento de trabalho como termo intermediário, prolongamento dos órgãos que o operário possui naturalmente em seu próprio corpo. O trabalho vivo aparece como agente ativo da produção, termo inicial do processo de trabalho, elemento de subjetividade e habilidades tacitas, herdadas de modos de produção anteriores ao capitalismo. O artesanato e inclusive a manufatura capitalista, ainda preservam traços de naturalidade, de qualificações do trabalho provenientes da subjetividade do produtor.

Com início da I Revolução industrial, começo do sec. XIX até final do sec. XX, marcadamente a partir do advento da máquina, o capitalismo se consolidou como sistema social global. O surgimento do trabalho assalariado, estruturado pela divisão social do trabalho e entre proprietários dos meios de produção (Burguesia) e trabalhadores (Proletariado), transformou a relação entre homem e trabalho. O primeiro foi reduzido a suporte da máquina, uma vez que esta é que imprime sobre o trabalhador suas qualificações, que não são mais provenientes da subjetividade deste, mas sim das exigências, da estrutura, da natureza da máquina, que se põe agora no início do processo produtivo. Além disso, subordinado a condições de trabalho e produção impostas a sua força de trabalho, o sujeito que trabalha tem agora uma relação "estranhada", no sentido de perda de controle da produção de sua vida material, alienado das condições objetivas de seu trabalho. A Ideologia do trabalho livre tem como função ocultar a alienação/estranhamento que perpassa o trabalho assalariado, com slogan de trabalhador livre deve aderir a servidão voluntária ao salário e condições impostas.

Alves (2007, p.49) esclarece:

Como contradição viva, o capital é, ao mesmo tempo, exploração e civilização, no sentido de criar pressupostos materiais para o desenvolvimento social do ser genérico do homem. Entretanto, em seu movimento eterno de perpetuo de valorização, sob a terceira modernidade onde se explicita o sócio-metabolismo da barbárie social, o desenvolvimento das forças produtivas do trabalho com forças produtivas do capital tendem, cada vez mais, a se inverter em produção destrutiva da civilização humana, dessocialização e estranhamento e fetichismo social em sua forma exarcebada.

O processo de trabalho que constitui com o modo de produção capitalista não se volta a produção de objetos que satisfaçam as necessidades humanas, mercadoria como valor de

uso, mas sim a produção de valores, ou seja, mercadoria fetichizada. Nessa direção, o produto do trabalho/mercadoria não é produzido para satisfação das necessidades humanas, ao contrário, mercadorias são criadas para produzir necessidades de consumo. Esse processo tem ponto nefasto, o abandono da finalidade do trabalho. Haja vista que este se estabelece para que tenhamos condições materiais de existência e logo nossa sobrevivência assegurada, para que possamos estando livres da ameaça de morte, seguros da nossa subsistência, desfrutar da vida com liberdade e felicidade. No momento em que o trabalho regido pelo capital, deixa ser meio para realização da vida humana e se torna fim em si mesmo, de produção ilimitada de valor, agrega em seu âmago o sacrifício injustificado (Adorno e Horkheimer, 1969/1985). O trabalho deixa de ser condição de formação do indivíduo, propiciar a liberdade e se deforma em grades de prisão entranhadas de sacrifício irracional.

Na contemporaneidade, podemos denominar como Capitalismo Tardio, vivemos a modernidade do precário mundo do trabalho e da barbárie social. A exacerbação do caráter destrutivo da expansão do trabalho alienado, a flexibilização das relações de trabalho culmina na fragilização dos trabalhadores, através de práticas como a terceirização, gestão pelo medo, prestação de serviços, dentre outros. Como Adorno (ano) nos apresenta, a descontinuidade entre forças produtivas super desenvolvidas tecnologicamente e relações de produção precarizadas, aquém das forças produtivas engendram um descompasso social em que o maior progresso carrega também o regresso. Pois, se todo desenvolvimento científico e tecnológico das forças produtivas não têm servido a realização da vida humana, ao contrário, a vida humana tem servido como engrenagem do sistema social, não podemos dizer de um estado justo, ético, de ordem e progresso.

Nesse momento do Capitalismo Tardio, as práticas de recursos humanos são estabelecidas como técnicas de *manipulação psicológica*, denominado de Toyotismo, a *gestão da subjetividade/subjetividade administrada* ao conceber o indivíduo como mercadoria, requer que cada indivíduo se considere como uma empresa a ser conduzida segundo as regras do capital. Esta concepção de homem só é possível no estado mais culminante da reificação humana.

Horkheimer e Adorno (1956/1978, p.192) sugerem que:

A crítica da ideologia totalitária não se reduz a refutar teses que não pretendem, absolutamente, ou que só pretendem como ficções de pensamento, possuir uma autonomia e uma consistência internas. Será preferível analisar a que configurações psicológicas querem se referir, para servirem-se delas; que disposições desejam incutir nos homens com suas especulações, que são uma coisa inteiramente distinta do que se apresenta nas declamações oficiais.

Mais do que fazer crítica a ideologia dominante, devemos analisar as características psicológicas que são estimuladas para a manutenção do *status quo* vigente. Nesse sentido, a referida pesquisa, se preocupou em analisar o perfil psicológico requerido pelas grandes empresas nos processos de Recrutamento e Seleção de Trainees. No esforço de ao compreender o estímulo ao qual estamos submetidos teremos indícios para analisar a resposta de manutenção de um estado bárbaro.

4- Trainees: Subjetividade administrada como passaporte social

O processo de Recrutamento é um conjunto de técnicas e procedimentos que visa atrair candidatos potencialmente qualificados e capazes para ocupar cargos na empresa. Portanto, a empresa divulga e oferece ao mercado de força de trabalho, oportunidades de emprego que estão disponíveis. As fontes de recrutamento podem ser externas ou internas a empresa, como por exemplo, recomendação ou indicação de funcionários, anúncios em jornais e/ou revistas, site de empregos e da própria empresa, Universidade, redes sociais profissionais como Linke-in (network).

Os programas de trainee são oferecidos por grandes empresas, geralmente multinacionais, que buscam jovens para ocupar cargos de liderança de equipes. Normalmente, os programas de trainee recrutam novos talentos que tenham até 2 anos de formado em um curso de graduação e o programa costuma ter duração de 1 a 3 anos, em regime CLT. O programa se caracteriza pelo treinamento do jovem para assumir posteriormente um cargo de gerencia. Normalmente, o profissional passa por diversos setores da empresa, para compreender seu funcionamento por completo, além de passar por todos os tipos de treinamentos, cursos, palestras. O trainee tem salário maior, comparado com outros funcionários, além de diversos benefícios.

Os programas de trainee são super concorridos, dispendo de poucas vagas e milhares de concorrentes de todo país. O processo de recrutamento e seleção é composto por diversas fases eliminatórias, algumas são realizadas online e outras presenciais, geralmente composto por: Inscrição do currículo, teste (psicológico, questionário comportamental) e/ou inglês, dinâmica de grupo, painel de apresentação pessoal com avaliação dos gestores, entrevista final com a diretoria e por fim o processo admissional.

Os slogans de recrutamento de trainees sempre fazem menção a um ideal de sucesso, glamour, comumente chamados de jovens talentos. A empresa Apple, grande nome da área tecnologia computacional, faz o seguinte anuncio: "Amaze yourself. Amaze the world. A job

at Apple is unlike any other yo've had. You'll be inspired. And you'll be proud. Because whatever your is here, you'll be part of something big". (Tradução das autoras: Surpreenda-se. Surpreenda o mundo. Um trabalho na Apple é diferente de qualquer outro que você teve. Você será inspirado. E você vai se orgulhar. Porque qualquer coisa que você for aqui, você será parte de algo grande") (Disponível em: www.apple.com/jobs/us/). Adorno (1941) afirma que a mentalidade do glamour pode ser encarada como construção mental da história do sucesso, a quem jamais é permitido conquistar na vida é ofertado a conquista no glamour, nas palavras do autor "Todo glamour está ligado a uma espécie de truque" (Adorno, 1941, p.128).

Nas páginas de recrutamento de trainees são disponibilizados depoimentos de trainees já aprovados, relatando sua trajetória, experiência e até apresentando elementos facilitadores para o ingresso no programa. Estes servem como exemplos do sucesso a serem seguidos. A necessidade de promover determinadas personalidades como histórias de sucesso a serem seguidas revela o controle social exercido através da homogeneização das características psíquicas, o que demonstra incalculável empobrecimento psíquico e social. Adorno (1941) pontua que padrões de sucesso desenvolvidos num processo competitivo são imitados, cristalizando *Standards* que imitam aquele que obteve êxito. Desse modo, não seguir as regras do jogo, que levaria a realização da diferenciação, torna-se critério para a exclusão.

Segundo Adorno (1941, p.22):

A monotonia tornou-se tão grande que só as cores mais brilhantes é que ainda têm qualquer chance de ser destacadas na opacidade generalizada. Mesmo assim, só essas cores violentas é que testemunham a onipotência da própria produção mecânica, industrial. (...) Mas os meios que são usados para superar o tédio da realidade são ainda mais vulgares do que a própria realidade (...) se isso fosse realmente atraente em si mesmo (...) Mas todas as glamour girls parecem iguais.

A necessidade do glamour para se destacar da mesmice que vivemos requer cores vibrantes, mas esse próprio movimento revela a repetição do glamour como *Standards* de um perfil de sucesso a ser repetido. Aceitação do inevitável/imposto aponta para o abandono da espontaneidade, da liberdade em construir e desenvolver sua própria diferenciação/individuação, o que nos torna centros de reflexos socialmente condicionados. Essa passividade assumida perante a imposição social é manipulada pelo ego, o entusiasmo forçado em aderir à imposição é necessário uma vez que a identificação natural não é suficiente para tanto. Desse modo, a energia que poderia nos formar como indivíduos é direcionada para aceitação da imposição. Esse movimento manipulatório do ego revela sua própria falácia, a saber, a superficialidade transfigurada da sua aceitação.

Em um mundo padronizado, a inovação é sempre aparente, pois se corre o risco da verdadeira inovação/espontaneidade não ser aceita. Contudo, é necessário despertar a atenção por meio de produtos sempre novos, no caso, ideias inovadoras, novas táticas e técnicas de gestão da subjetividade. Assim, uma máscara de inovação transveste inovações que mantêm a reprodução do todo.

Parece-nos que inovação refere-se ao elemento de trazer o novo, se na atual conjuntura o novo/espontâneo é obstruído pela aceitação/reprodução do mesmo, fica evidente que a característica psicológica requerida "Inovador" diz de uma aparente aceitação do novo, diferenciação, que na verdade vela sua essência de repetição.

5- Referências Bibliográficas

ADORNO, T. W. **Capitalismo tardio ou Sociedade industrial?** (F. R. Kothe, trd.). In Cohn, G. Theodor W. Adorno. São Paulo: Editora Ática, p. 62-75. Col. Grandes Cientistas Sociais, 1986. (Original publicado em 1969).

ADORNO, T.W. **Ideia de história Natural.** 1923.

ADORNO, T.W; **Sobre música popular.** In: Horkheimer, M. Estudos em Filosofia e Ciências Sociais. Nova Iorque: Instituto de pesquisa Social, v. IX, p.117-148, 1941.

ALVES, G. **Dimensões da Reestruturação produtiva: ensaios de sociologia do trabalho.** Londrina: Praxis, Bauru. 2007.

HORKHEIMER, M.; ADORNO, T.W. **Temas Básicos da Sociologia.** São Paulo: Cultrix, USP, p.184-205, 1978. (Original publicado em 1956).

HORKHEIMER, M.; ADORNO, T.W. **Dialética do Esclarecimento.** Rio de Janeiro: Zahar, 1985. (original publicado em 1969)

MARX, K. **Fetichismo e Reificação.** In IANNI, O. Karl Marx. São Paulo: Editora Ática, p.159-172, Col. Grandes Cientistas Sociais, 1988.